



SinTUFABC

Sindicato dos Trabalhadores das
Universidades Federais do ABC

Boletim Nº 18/2015

xx de novembro de 2015



GREVE NACIONAL

Avaliação sobre a greve

“Coordenação do SinTUFABC e Conselho de Representantes Sindicais apresentam à categoria sua avaliação sobre os rumos da paralisação nacional.”

O ajuste fiscal do governo Dilma veio com o objetivo de reduzir gastos em de R\$ 70 bilhões. O governo cortou diversos direitos históricos dos trabalhadores e também do serviço público: só a educação teve R\$ 9 bilhões de cortes. Ainda, aumentou impostos, anunciou a Agenda Brasil enquanto se compromete com o pagamento da dívida pública. Essas medidas atingem o conjunto dos trabalhadores, especialmente os mais pobres, pois o aumento do desemprego e a redução do acesso ao seguro-desemprego colocarão no desespero milhões de trabalhadores.

A UFABC também sofreu com os cortes: o orçamento de investi-

mento foi reduzido pela metade em 2015.

Nesse contexto ocorreu a greve mais forte e mais longa da história da FASUBRA, que durou 132 dias e foi um marco na resistência dos técnico-administrativos contra o ajuste fiscal. Os ataques à universidade pública, aos servidores e o ajuste fiscal explicam-se pelos esforços em garantir o pagamento da dívida pública, que consome 47% do orçamento da União.

Entretanto, mesmo tendo a força de arrancar uma proposta (mesmo que péssima do governo) logo no primeiro mês de greve (a proposta de 4 anos), o movimento não conseguiu dobrar o governo para

que houvesse uma proposta melhor e mesmo a proposta de 2 anos já estava colocada no início da greve, segundo declarações informais do próprio então ministro da educação, Janine Ribeiro.

Assim, precisamos nos perguntar quais os motivos que levaram o movimento nacional a não ter mais avanços dos que os que estavam já no horizonte.

Em primeiro lugar, apesar da força da greve, é importante dizer que ela entrou em um contexto em que outras categorias não entraram em greve, diferente de 2012.

Assim, das greves que se anunciaram, somente eram fortes a da FASUBRA e do INSS. O ANDES



teve uma greve fragmentada e fraca, em muitas universidades se esfacelando mesmo antes das outras categorias.

Mas, mesmo com poucas categorias entrando em greve, era possível construir uma unidade melhor que a que foi praticada: o discurso da unidade foi um discurso de cúpula, sem a presença da base. Sequer caravanas unificadas a Brasília foram possíveis, sendo realizadas caravanas diferentes da FASUBRA, do judiciário e do conjunto dos SPFs. As ações também foram isoladas e houve pouca interação entre os servidores de diferentes categorias. Mesmo no ABC não conseguimos construir a unidade que gostaríamos. Realizamos um grande ato que foi capa dos principais jornais da região mas não conseguimos agregar outros setores como o INSS, também em greve. As greves foram simultâneas, mas não unificadas. A política para esta situação deveria passar pela consolidação de comandos regionais de greve, envolvendo as universidades, previdência e outras categorias em luta. Na greve de 2012 havia o Fórum Estadual dos SPFs, impulsionado pela CSP-Conlutas, que articulava as ações regionais. Isso não se repetiu neste ano de 2015.

Sobre a greve da FASUBRA, achamos correta a política de unidade com os SPF e fortalecimento da pauta geral (27,3% de reposição) mas, ao não ser possível o fortalecimento da greve geral do funcionalismo, deveria haver um movimento tático para garantir a negociação da pauta local. Se devemos buscar o rompimento do corporativismo das direções e da base, forçar a pau-



ta geral em nome de uma unidade que não existe é também não levar adiante as demandas da categoria em luta.

Outra crítica comum às greves é a data de início: o dia 28 de maio demonstrou ser uma data precipitada. A maior parte das universidades estava ainda entrando em período de greve e por isso seria caracterizada a forte adesão da categoria, mas essa adesão seria artificial, uma vez que se daria mais pelo período de férias que pelo convencimento político da importância da greve, além de reforçar uma situação em que as pessoas permaneça em casa durante o período de greve. A entrada do ANDES e FASUBRA nesta data talvez tenha sido motivada pela possibilidade de construir uma greve geral dos SPFs ou da educação, mas houve aí um erro de caracterização, pois não foi possível construir a greve unificada almejada.

Sobre o desfecho, avaliamos que as bases que entraram com disposição e conseguiram manter a greve não iriam se retirar da luta sem a sinalização de um desfecho minimamente aceitável. Isso demonstra uma grande disposição para a luta de trabalhadores/as que não veem seus interesses representados na

postura de seus diretores em uma greve em que a base protagoniza seu início e desenvolvimento.

Na UFABC, o saldo é positivo, pelas conquistas da greve: mesmo que nenhuma delas seja imediata (com exceção do aumento da liberação sindical), joga a contradição para a reitoria para que seja aberta uma brecha de encaminhamento das demandas. O maior saldo é político e organizativo: o sindicato sai fortalecido dessa greve e o conjunto de ativistas do Comando de Greve se consolidam no Conselho de Representantes Sindicais.

Outros pontos positivos se dão por conta da luta do comando de greve em organizar assembleias, atos, caravanas, estudar conteúdos, estratégias e argumentos para as negociações, amplamente discutidos nas reuniões semanais, abertas e democráticas.

Muito mais poderíamos conseguir com maior participação da categoria. A greve deve ser feita pela categoria e não somente pelo comando de greve. A estratégia para mudar este cenário, daqui para frente, é a formação política da categoria, principalmente estreitando os laços entre o sindicato e a categoria por meio dos representantes sindicais.

Nacionalmente a UFABC também se destacou. Somos exemplo de luta desburocratizada e combativa. Fomos a todas as caravanas, mesmo sem dinheiro, de carona com outras Universidades. Participamos dos atos, com postura combativa e mobilizada. Nossos 4 delegados fizeram história na FASUBRA: foram sem alojamento definido e sem diárias. Notória foi a diferença em ter um representante da UFABC no comando nacional de greve. Nossas posturas locais foram levadas e discutidas, as informações sobre o que acontecia nacionalmente corriam de forma mais fluida.

Não foi possível manter delegados por toda a greve por falta de

caixa.

Torna-se visível a necessidade da participação da categoria no fundo de greve, que em outras universidades é compulsório, mas na nossa se dá via doações voluntárias.

Por fim, um problema que cedo ou tarde teremos que enfrentar: falamos da unidade das lutas dos SPFs nestes momentos de greve, mas o ataque aos serviços públicos que observamos é algo muito maior, inclusive um ataque ao conjunto da classe trabalhadora: o governo federal ao escolher o pagamento da dívida pública tirará todos os recursos possíveis e imagináveis do funcionalismo público, da previdência e do conjunto dos trabalha-

dores para garantir essa situação.

Assim, o sindicato e a categoria deve sempre buscar uma discussão política, construindo não só a unidade dos trabalhadores do funcionalismo, mas de toda a classe trabalhadora em uma ampla campanha em defesa dos direitos dos trabalhadores e do serviço público.

É muito importante que todos os trabalhadores da UFABC se organizem e lutem para garantir seus direitos ameaçados pelos ajustes anunciados pelo governo da presidente Dilma. A greve acabou, mas a luta segue!

*Coordenação Executiva do
SinTUFABC e Conselho
de Representantes*



INSTABILIDADE

É ministro ou técnico de time de futebol? O desastre da Pátria Educadora

Desde que assumiu o comando do Brasil, a presidenta Dilma Rousseff (PT) trocou de ministros da Educação mais de cinco vezes. Começou com o Fernando Haddad, no primeiro mandato, que durou um ano, depois partiu para o Aluizio Mercadante, que ficou de 2012 há 2014 e voltou no mês passado deste então os sucessores não passam mais que um ano e alguns meses coordenando a educação do país que voltou mês passado.

Durante a greve dos servidores técnico-administrativos das Federais, que durou 132 dias, o então ministro da Educação, Renato Janine, simplesmente saiu do cargo sem nem ao menos negociar com os grevistas. A pasta foi puramente afetada pelo ajuste fiscal que o governo impõe.

Esse “troca-troca” de ministros, que não acontece apenas na Educação, é um reflexo da crise de política do país. A forma que o governo Dilma encontra para

ter estabilidade e apoio, foi rifar os ministérios para o partido do vice, PMDB.

Este tipo de medida parece com a que os times de futebol adotam quando estão em uma má fase, para atender a expectativa do torcedor trocam de técnico o tempo todo até atingir um resultado o mais rápido possível, sem se preocupar se isso esgota o time e desestimula o torcedor.

Para o Brasil virar uma Pátria Educadora é necessário se tornar uma.

Plano de reorganização escolar de Alckimin fechará 94 unidades da rede estadual

Foi anunciada pelo governo de Geraldo Alckimin na quinta-feira (29/10) a lista de 94 escolas da rede estadual de ensino que serão fechadas durante o processo de “reorganização escolar”. O projeto dividirá as escolas em ciclos de ensino, afetando diretamente 1.462 escolas de 162 municípios (números da Secretaria Estadual da Educação e que não contabilizam as unidades atingidas pelo efeito cascata).

Através dessa medida brutal, o governo de Geraldo Alckimin poderá fechar mais escolas, demitir servidores e professores em massa, superlotar ainda mais as salas de aula e aumentar a distância percorrida

pelos alunos para chegarem às aulas, causando enorme precarização do ensino público.

Toda essa desorganização foi elaborada sem a discussão prévia com as comunidades escolares,.

Apenas agora no dia 14 que haverá reunião entre as diretorias de ensino, pais, alunos e professores para explicação da mudança e informe do novo destino de cada aluno.

As manifestações que tomaram as ruas por todo o Estado deixaram clara a posição contrária de alunos, professores e servidores, que não vão ceder ao desmonte de educação pública. Nessa segunda (9) e terça-feira (10), alunos da Escola Estadual Dia-

dema e Escola Estadual Fernão Dias, respectivamente, ocuparam suas escolas em protesto, reafirmando que são contra a medida do governo Alckimin e continuarão resistindo.

As manifestações que ocorreram nas últimas semanas deixaram clara a posição contrária de alunos, professores e servidores, que não vão ceder ao desmonte de educação pública. O SinTUFABC apoia essa luta e levanta a bandeira em defesa do ensino público e de qualidade! Que o movimento contra a reorganização escolar permaneça mobilizado, pois nenhuma escola deve ser fechada e apenas a união de alunos, professores e servidores trará resultados!



Plantão de recolhimento da mensalidade dos filiados

Toda sexta-feira a Coordenação de Administração e Finanças estará na sede do SinTUFABC, das 14 às 17 horas, em plantão para recolhimento da mensalidade dos filiados. A coordenadora Renata Silva estará presente no sindicato realizando o recolhimento.

 Expediente

BOLETIM DO SinTUFABC é uma publicação do Sindicato dos Trabalhadores nas Universidades Federais do ABC.

SEDE: Avenida dos Estados, 5001, 11º andar, Bloco B, campus Santo André – Santo André – São Paulo.

PRODUÇÃO EDITORIAL: Traço Livre Produção e Comunicação.

EQUIPE: Luciana Araújo (jornalista responsável - MTb 39.715/SP), Leon Cunha (projeto editorial – MTb 50.649/SP), Guilherme Gandra (editoração), Mayra Nakamura (secretaria) e Luiza Giovancarli (jornalista).

SITE: www.sintufabc.org.br • **E-mail:** contato@sintufabc.org.br • **Facebook:** [sintufabc.official](https://www.facebook.com/sintufabc.official)